

FRANCISCO NICHOLSON

PÁTRIAS

SEGUIDO DE
O LIXO E DE A CATACUMBA



Sociedade Portuguesa de Autores
Publicações Dom Quixote

DO AUTOR

REVISTAS — *Bikini* — (*Gente Nova em Bikini*), *Chapéu Alto* (1963), *Lábios Pintados* (1964), *É o Fim da Macacada* (1972), *Pr'ó Menino e pr'á Menina*, *Tudo a Nu* (1973), *Pides na Grelha* (1974), *Cia dos Cardeais*, *A Grande Cegada* (1976), *O Calinas Cala a Boca*, *A Paródia* (1977), *Roupa Velha*, *Fardos e Guitarradas*, *Ora Vê Lá Tu* (1978), *1926 Noves Fora Nada*, *Querias mas Não te Dou* (1979), *Chixa! Este é o Bom Governo de Portugal* (1980), *O Escabeche*, *Paga as Favas* (1981), *É Sempre a Aviar (É Sempre a Votar)*, *Chá e Porradas*, *Tá Entregue à Bicharada* (1982), *Não Batam mais no Zezinho* (1985), *Isto é Maria Vitória*, *Toma Lá Revista* (1986), *Escrita em Dia* (1987), *A Prova dos Novos* (1988), *A Grande Festa*, *Vitória! Vitória* (1990), *Vamos a Votos* (1991), *Lisboa Meu Amor* (1994), *Ora Bolas Pró Parque* (1997).

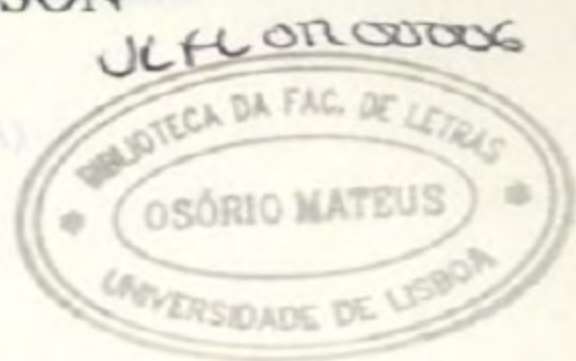
TELENOVELAS — *Vila Faia* (1982), *Origens* (1983), *Cinzas* (1992), *Os Lobos* (1998).

PEÇAS — *Alberto e as Borboletas* (com Armando Cortez) (1965), *O Taran Tan Tan Não Enche Barriga* (1975), *A Catacumba* (1976), «*Depois da Canção*» (*Sketch* do espectáculo *Ao Qu' Isto Chegou*) (1977), *Pátrias* (1996), *O Lixo* (1997), *Os Terríveis* (RTP).

PEÇAS INFANTIS — *Misteriosos Até Mais Não* (1961), *O Cavaleiro Sem Medo*, *Boingue Boingue* (1962), *O Indiozinho Raio de Luar* (1963).

FRANCISCO NICHOLSON

Francisco Nicholson
Pátrias
(Agrupamento de línguas portuguesas)
ISBN 972-30-1483-X
CDU 821.134.3



PÁTRIAS

seguido de

O LIXO e A CATACUMBA

Prefácio de Luiz Francisco Rebello

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES/PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA

1998

Biblioteca Nacional — Catalogação na Publicação
Nicholson, Francisco
Pátrias
(Autores de língua portuguesa)
ISBN 972-20-1482-X
CDU 821.134.3-2



Publicações Dom Quixote

Av. Cintura do Porto de Lisboa
Urbanização da Matinha, Lote A, 2.º C
1900 Lisboa – Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 1998, Francisco Nicholson

Capa: Catarina Rebello que agradece a colaboração
dos amigos Eugénia, Lucinda, Céu, Germano,
Henrique, Manuel e Fernando

Revisão tipográfica: Eda Lyra
1.ª edição: Setembro de 1998
Depósito legal n.º 125 433/98

Fotocomposição: Mariano
Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

ISBN: 972-20-1482-X

*Para a Magda, minha mulher, minha paixão
a Sofia, minha filha, meu amor
a Maria Antónia, minha irmã, minha amizade
o Edgar Gonsalves Preto, leal companheiro de muitas peças,
muitas alegrias e algumas frustrações*

*e para
Luiz Francisco Rebello
sem ele o teatro português teria sido mais pobre*

Para a Mãe, minha mulher, minha poeira
a Sofia, minha filha, meu amor
a Maria Antónia, minha irmã, minha amada
o Edgar Gonçalves Preto, tal compozição de muitas peças,
muitas alegrias e algumas tristezas

e para

Luiz Francisco Rebello

sem ele o teatro português teria sido mais pobre

A representação ou reprodução desta peça, no todo ou em parte, por qualquer meio, dependem de autorização que deverá ser solicitada à Sociedade Portuguesa de Autores, sob pena de procedimento judicial.

PÁTRIAS

Pátria, f. Qualquer terra ou localidade em que nascemos.

«Esta é a ditosa pátria minha amada...» – Camões.

«A minha pátria é a língua portuguesa.» – Fernando Pessoa.

Adj. Bras. do N. Diz-se do gado cujo nome é desconhecido.

«E a pátria! o meu amor! a pátria bela!...» – Guerra Junqueiro.

Pátria – Paquete da Marinha Mercante. Terminou os seus dias mobilizado para transporte de soldados para Angola.

*Se tudo o que foi dito é verdade
as mentiras fazem sentido*

PERSONAGENS

ROSARINHO

MARÍLIA

FILÓ

DIOGO

VASCO

MIGUEL

JOÃO

*«— Se tudo o que foi dito é verdade,
só as mentiras fazem sentido!...»*

1.º ACTO

Salão térreo de uma vivenda luxuosa, decorada com requintado bom gosto. Os móveis de estilo, as faianças e os quadros de pintores famosos, conferem-lhe conforto, comodidade e bem-estar. As felizes combinações de todos os elementos decorativos criam um espaço aprazível e apetecível. Uma larga varanda envidraçada abre-se ao jardim, descortinando-se um pormenor da piscina. Por uma escada, praticável, alcança-se o piso superior. Portas de acesso à sala de jantar e ao hall de entrada.

ROSARINHO, MARÍLIA, MIGUEL, VASCO e DIOGO aperitivam, fazendo horas para o jantar. Os três primeiros comentam fotografias antigas que ROSARINHO vai mostrando. DIOGO procura acentuar a sua indiferença em relação ao entusiasmo com que o aparecimento de cada nova-velha foto é acolhida, mantendo com VASCO um diálogo impregnado de azedume, a quem os uís-ques que os dois vão bebendo não são alheios.

ROSARINHO (exibindo uma fotografia): Repara como tu eras magrinho.

MIGUEL (*rindo*): Têm a certeza que sou eu?

MARÍLIA: Temos a certeza que *eras* tu.

DIOGO (*a Vasco, chamando a atenção para os pulsos ligados de Rosarinho*): Olha-me aqueles pulsos...

MIGUEL: Desculpem, mas esta não é a minha fotografia, é a minha radiografia.

DIOGO (*a Vasco*): ... um espectáculo degradante...

ROSARINHO (*mostrando uma nova fotografia*): E desta, lembras-te?...

DIOGO (*a Vasco*): ... um charco de sangue... perdeu litros de sangue!...

MIGUEL (*observando a foto*): À saída da Faculdade, no dia em que terminei o curso!

DIOGO (*idem*): ... álcool, comprimidos... Uma lástima.

MARÍLIA (*mostrando uma nova foto*): Esta sou eu. Também mudei muito.

MIGUEL: Deixa ver. (*Vê*) Nem por isso.

DIOGO (*idem*): Humilhante... deplorável.

MIGUEL: Digo-te mesmo mais: estás em melhor, agora.

DIOGO (*idem*): ... um tipo sente revolver-se-lhe tudo!

ROSARINHO (*nova foto*): Esta é a Luzia. Lembras-te da Luzia?
Tinha um fraquinho por ti.

MARÍLIA: Tínhamos todas um fraquinho por ti.

DIOGO (*idem*): No hospital... uma vergonha... um vexame...

MIGUEL: Que é feito da Luzia?

DIOGO (*a Vasco*): ... É a terceira vez, a terceira tentativa... Chega a ser caricato.

ROSARINHO: Casou, enviuvou e voltou a casar com um australiano.

MARÍLIA: Foi a mais esperta de nós. Um dia destes, mata o australiano e volta a casar, novamente. (*Riem*)

DIOGO (*idem*): ... Eu, ali, humilhadíssimo, no átrio do hospital...

ROSARINHO (*exibindo mais uma fotografia*): Esta é a última foto dos quatro inseparáveis.

DIOGO (*idem*): ... pedindo aos santos que a salvassem, com vontade de a matar...

MIGUEL (*observando o retrato*): O Diogo... o Vasco...

DIOGO: ... peço para falar com o chefe de equipa para me inteirar de como ela estava...

MIGUEL: O João!... O nosso «Janeco».

DIOGO (*idem*): ... e aparece à minha frente...

MIGUEL (*apontando*): E este, vocês insistem que sou eu?...

VASCO (*a Diogo*): O doutor Miguel Luís Alves, o «ressuscitado»!

MARÍLIA (*cruzando a conversa*): Nesta altura, ele ainda não tinha «morrido»...

ROSARINHO (*batendo na madeira*): Nem agora, graças a Deus.

DIOGO: Deus tem graças destas.

MIGUEL (*a Rosarinho*): Tu é que estás na mesma, «Princesinha».

ROSARINHO: «Princesinha»!... Há anos que não me chamavam «Princesinha»!

DIOGO: É natural; tens idade para ser rainha-mãe.

ROSARINHO (*magoada*): Muito obrigada.

MARÍLIA: Esse teu jeito inconfundível de ser desagradável...

DIOGO: Tudo tem o seu tempo. Mesmo em questões de realeza, devemos ser realistas. Aposto que também já ninguém te chama «Carochinha», como antigamente.

MARÍLIA: Não apostes que perdes.

VASCO (*surpreendido*): Chama?! Quem?...

MARÍLIA (*seca*): Tu não, com certeza. Quando nos divorciámos, já nem sabias como é que eu me chamava, não te ias lembrar de como tu me chamavas.

VASCO: Esse teu jeito inconfundível de ser desagradável...

MARÍLIA: Apenas, sincera.

DIOGO: Esta discussão é perfeitamente tonta. O Vasco era o «Vává». Estão a ver o que seria os alunos, na Faculdade, a tratarem-no por professor «Vává»!... Havia de ser bonito!

MARÍLIA: Algumas alunas devem tratá-lo por diminutivos bem mais ridículos e não acredito que ele se importe.

VASCO (*ignorando o remoque*): O Miguel, ser conhecido no hospital pelo doutor «Lé», também não estava mal.

MIGUEL: É verdade, eu era o «Lé».

ROSARINHO: Para mim, vais continuar a ser, a menos que me proibas.

MIGUEL: Que ideia! Proibir-te, porquê?

DIOGO: Casei com uma conservadora, sentimental e piegas. Devolhe, em parte, a minha fama de reaccionário.

MIGUEL (*vendo uma nova foto*): Não acredito!... Eu era assim, há 20 anos? (*Ri*)

MARÍLIA: Vinte?! Trinta, se não te importas.

MIGUEL: Trinta?...

ROSARINHO: Mais perto dos trinta que dos vinte. As contas são fáceis de fazer. A Filó está com...

DIOGO: ... Vinte e cinco anos.

ROSARINHO: Vinte e oito!

VASCO: Nem que vivas cem anos hás-de saber a idade da tua filha.

DIOGO: Há coisas mais importantes que, provavelmente, também nunca virei a saber.

VASCO: Alguém me acompanha em mais um uísque?

DIOGO: Acompanho-te eu, em acabando este. Essa garrafa está no fim, tira uma do bar. Se preferes malte, tens naquele armário.

MARÍLIA (*vendo mais fotografias*): As patifarias que o tempo faz às pessoas...

MIGUEL: Maiores só as que as pessoas fazem umas às outras.

ROSARINHO (*depois de procurar*): Esta aqui é que tu não conheces, nunca viste.

MIGUEL: Deixa ver.

MARÍLIA (*espreitando*): Essa é um documento histórico.

DIOGO (*a Vasco*): Detesto ver fotografias antigas.

MIGUEL (*vendo*): Que navio é este?

DIOGO (*a Vasco*): Acham muita gracinha, mas eu recuso-me.

ROSARINHO: Não reconheces?... É o paquete *Pátria*!

- DIOGO (*idem*): Acho masoquista... mórbido...
- MARÍLIA: Não nos digas que não te lembras... É o *Pátria*, no dia da tua partida para Angola.
- VASCO (*servindo uma bebida a Diogo*): Recordar é viver, «Didi».
- DIOGO: Só para os idiotas. Dois dedos de testa, mesmo que os dedos sejam finos e a testa estreita, dá para saber que recordar é morrer um pouco.
- ROSARINHO (*mostrando a Miguel*): Tu estás aqui, neste grupo de soldados.
- MIGUEL (*rindo*): Tens a certeza?... Como é que sabes? Só vejo malta fardada, parecem-me todos iguais.
- VASCO: Os soldados e os chineses têm esse problema; à distância parecem todos iguais. (*A Miguel*) A Rosarinho tem a certeza que és tu. Foi ela a fotógrafa.
- DIOGO: Estamos à espera do quê, para jantar?
- ROSARINHO: Da Filó, do João e de que o jantar esteja pronto.
- MIGUEL: Vocês foram ao cais assistir à partida do *Pátria*?
- MARÍLIA: Fomos os três, a Rosarinho, eu e o «Janeco».
- VASCO: Eu não fui. Sempre detestei despedidas.
- DIOGO: Eu também não fui. Mas creio que a nossa amizade dispensa qualquer justificação piegas.

VASCO: Dizer que detesto despedidas, é dar uma justificação piegas?

DIOGO: À primeira vista, pode não parecer; no fundo, não passa de uma pieguice insuportável.

MIGUEL: Foram ao cais despedir-se de mim?... Não me recordo de os ter visto.

VASCO (*a Diogo*): Importas-te de ser mais explícito?

MARÍLIA: Pois não, não viste. O «Janeco», quando te avistou, no meio da confusão, fardadinho, pronto para embarcar, «agarrou» um ataque de choro convulsivo.

ROSARINHO: Não conseguia parar de chorar.

DIOGO (*a Vasco*): De que despedidas é que tu não gostas?... Se o Miguel, o doutor «Lé», não tivesse embarcado no *Pátria*, para ir para África, fazer guerra aos «turras»... aos «turras»... perdão, aos «exércitos de libertação»; assim é que está politicamente correcto...

ROSARINHO: Ela lembra-se do choro convulsivo do João, mas esqueceu-se do ataque de «revolucionarite» aguda que lhe deu... Parecia a Passionária!

DIOGO (*a Vasco*): ... e, em vez disso, embarcasse, no aeroporto, para umas férias douradas de exilado, em Paris...

ROSARINHO (*a Miguel*): Não é que esta louca se lembrou de improvisar um minicomício contra a guerra colonial!...

DIOGO (*idem*): ... tenho a certeza que não faltavas e já suportarias, alegremente, as despedidas.

MARÍLIA: Nem sei como não deste por nada.

ROSARINHO: Eu não sei é como não fomos presos.

MIGUEL: A balbúrdia era tanta...

VASCO (*a Diogo*): É óbvio que as despedidas que eu não suporto são as despedidas tristes, dramáticas, não são, propriamente, as despedidas de solteiro.

ROSARINHO: Tive de tirá-los dali, à força.

MARÍLIA: Pareceu-me tudo aquilo tão injusto e absurdo... Deu-me uma fúria, parecia histérica. Eu que, na Faculdade, nunca me meti em nada, estava sempre onde não havia barulho...

MIGUEL: Foram ao cais despedir-se de mim...

ROSARINHO: Não sei se é minha a culpa... promovemos este encontro, com tanto gosto, para festejar, alegremente, o teu regresso...

VASCO: O regresso do filho pródigo!

ROSARINHO: ... e, de repente, só falamos nas tristezas das despedidas.

DIOGO: Pieguices!... Pieguices!... «O soldadinho não volta do outro lado do mar!»... Não havia uma cantilena com uma treta assim?...

MARÍLIA: Um poema do Manuel Alegre.

DIOGO: Fosse de quem fosse, é igual! Afinal, o soldadinho voltou do outro lado do mar, são que nem um pêro e esteve-se nas tintas para as saudades, as lamúrias, todos os sentimentos lamechas que atafulharam os corações dos amigos e amigas que ficaram deste lado do mar...

MIGUEL: Eu não me estive nas tintas para os amigos.

DIOGO: Estiveste, Miguel. Estiveste, professor «Lé». Não podes negar uma evidência do tamanho do Atlântico!

VASCO (*exibindo uma garrafa*): Está alguém às escuras?...

ROSARINHO: Estou a estranhar o teu irmão ainda não ter aparecido...

MARÍLIA: Sabes como é o Janeco... Pontualidade nunca foi com ele.

MIGUEL: Diogo: eu nunca me estive nas tintas para os amigos.

VASCO: Não há maior solidão do que a de beber sozinho.

DIOGO (*a Miguel*): Nunca?... (*Estendendo o copo a Vasco*) Só um dedo... Dois, dois. Obrigado. Premiou-se tanta foto tremida de medíocres fotógrafos de guerra e a tua «Princesinha» não teve nem uma triste menção honrosa com «O Pátria e os patriotas!» Injustiças!... Peço-vos que me acompanhem num brinde à minha querida esposa, também ela vítima dos horrores da nossa guerra colonial. (*Mudando de tom*) Eu não gosto de brincar com estas coisas...

MIGUEL: Não parece...

ROSARINHO (*magoada*): Vou à cozinha ver em que pé está o jantar. (*Sai*)

MARÍLIA: Diogo: não me levas a mal que te faça uma pergunta?

DIOGO: As que tu quiseses.

MARÍLIA: Já estás bêbado?

DIOGO: E se estiver?

MARÍLIA: Estás no teu pleno direito. A casa é tua, as bebidas, também são... só que ainda é um bocadinho cedo, parece-me...

VASCO: A Marília sempre foi muito dada a estes desvelos maternos. Percebem, agora, porque nos divorciámos: chateava-me, com esta idade, ser obrigado a dormir com a mãezinha, todas as noites.

MARÍLIA: A ti, não perguntei nada. Se há economia que se possa fazer contigo é a de balões para testar a alcoolemia... Olha-se e vê-se; está-te na cara.

DIOGO: Se tu fosses uma boa menina, ias lá dentro, ajudar a tua amiga Rosarinho a ver em que pé está o jantar. Tenho a certeza que ela apreciará a tua solidariedade.

MARÍLIA: Como são as coisas: não estava com o Miguel há vinte e oito anos e parece-me que ainda foi ontem que o vi partir, no *Pátria*... Não mudaste nada.